



EDITORIAL

Este BOLETIM DO CEIB está dedicado à Mostra do Redescobrimto- Brasil + 500, realizada no parque do Ibirapuera, em São Paulo, entre 23 de abril e 10 de setembro de 2000. Apresentamos um artigo de Regina Almeida sobre a Mostra como um todo, outro artigo de Adalgisa Arantes Campos especificamente sobre o módulo Barroco.

O CEIB realizou, entre os dias 10 e 12 de agosto a visita guiada à Mostra com a participação de sócios de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Recife. Foi fretado um ônibus para os que iriam de Belo Horizonte a São Paulo e os associados do Rio e de Recife nos encontraram na exposição. Myriam Ribeiro orientou a visita ao módulo Barroco, explicando a importância da imaginária religiosa brasileira do período colonial e das diversas escolas e artistas que estavam representados na exposição. Outros interessados participaram do programa, que foi excelente, contando com a presença de vinte e sete pessoas.

Conforme anunciado no Boletim número 15, no dia 29 de outubro termina o mandato da atual Diretoria do CEIB. Já que não houve lançamento de outra chapa, a diretoria atual está se candidatando e conta com o voto de vocês. Anexo a este BOLETIM, está uma cédula para votação pelo correio ou por procuração.

Muitos sócios pagaram a anuidade mas não enviaram seus comprovantes. É essencial enviá-lo para que seu voto possa ter validade.

Não deixe de votar! Seu voto é um apoio essencial para nós!

BOLETIM DO CEIB

UMA EXPOSIÇÃO QUE CATIVA O OLHAR E ALENTO O CORAÇÃO

Regina Almeida*



Foto: Beatriz Coelho

Escolares em visita ao módulo Barroco

Em recente entrevista a um jornal da Capital, Adélia Prado disse à repórter: "Minha preocupação é só uma: expressar da melhor maneira o que está pedindo expressão".

Como Adélia, está é a minha preocupação, depois que estive em São Paulo, com um grupo das "Amigas da Cultura", visitando a "Mostra do Redescobrimto - Brasil + 500". O que vi e senti naqueles cenários cheios de arte, beleza e elevado sentido histórico me possuiu com tal intensidade, que já não consigo guardar, só para mim, o que me tomou a alma e o coração. O conteúdo das emoções fortes e vibrantes me "pede expressão". É o que tento fazer aqui e agora.

A Mostra do Redescobrimto que São Paulo, em boa hora e sob feliz inspiração, leva a cabo na celebração deste meio milênio de Brasil, é uma realização grandiosa sob todos os aspectos. Disposta em três pavilhões do Ibirapuera - Bienal, Oca e Pinacoteca - e incluindo ainda dois ambientes complementares - o Cine Caverna e a Aldeia do Redescobrimto - a mostra constitui, nas palavras do Presidente da

Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, "o panorama mais arrojado que já se projetou sobre a arte brasileira, abrangendo desde as grandes culturas pré-coloniais até a contemporaneidade".

De fato, a exposição se impõe pela qualidade e quantidade das peças selecionadas, pela criatividade e riqueza dos cenários, pela extensa cobertura de todos os aspectos das artes visuais. São quatorze módulos temáticos dispostos, segundo suas relações, pelos três pavilhões, permitindo uma leitura estética tão rica, quanto diversa. Iniciando com as descobertas arqueológicas, passa pelas artes indígenas, pela arte afro-brasileira, pela arte popular e perpassa o esplendor do barroco, a arte do século XIX, a arte moderna e contemporânea, as imagens do inconsciente, possibilitando-nos, num olhar tão distante quão próximo, uma visão retrospectiva e atual da nossa identidade enquanto terra, povo e linguagens.

Mais que uma celebração, a grande exibição deve ser vista como possibilidade de análise e síntese do processo civilizatório brasileiro, sob a perspectiva de suas múltiplas manifestações artístico-culturais. De forma superior, é resgatado o valor da

contribuição do índio, do negro, do imigrante. O fio condutor não é apenas a história, mas também a arte que se faz presente tanto nas peças e objetos mostrados, como nos cenários, onde pontifica a imaginação criadora dos cenógrafos ao lado do extraordinário aparato tecnológico. O visual é mágico. A experiência, totalizante. A emoção, incontrolável. Põem-se juntas representações artísticas confrontantes, contrastantes, produzidas por diferentes sujeitos em diferentes momentos históricos, possibilitando um diálogo extremamente fecundo entre o popular e o erudito, o primitivo e o acadêmico, o clássico e o moderno, o ontem e o hoje.

Há "estrelas", destaques que não podem ser esquecidos: "Luzia" (crânio, do mais antigo habitante do continente americano, até hoje encontrado, com cerca de 12 mil anos); a carta de Caminha (certidão de batismo do Brasil); manto tupinambá do século XVII (trazido do Museu Nacional da Dinamarca); manto da apresentação, bordado por Arthur Bispo do Rosário (psicopata que passou 50 anos internado em hospício no RJ); a arte do cangaço, singular, específica, visível em objetos pertencentes a Lampião e seu bando (mochilas bordadas, chapéus decorados com moedas, espadas e punhais com cabos lavrados em ouro e prata), além de dezenas, centenas de talhas, esculturas, pinturas, tapeçarias, cerâmicas saídas de mãos indígenas, negras mulatas e brancas de nossos irmãos mais velhos.

De todas as épocas e de todos os cantos do país (e até do exterior), foram trazidas peças: de museus nacionais, regionais e locais; de igrejas, conventos e mosteiros; de outras instituições de natureza e tipos vários; de coleções públicas e particulares. O conjunto oferece ao visitante a oportunidade de enriquecer e diversificar a fruição estética diante de obras consagradas e proclamadas, umas; díspares e contundentes, outras; não tão conhecidas ou reconhecidas, muitas. O olhar atento dos curadores focalizou fatos, cenas, objetos e sua história, tudo selecionado à luz de critérios artísticos, orientados por novas leituras estéticas. Foram necessários quatro anos de pesquisa e trabalho e R\$40.000.000,00, financiados pela iniciativa privada, para se oferecer aos brasileiros este belo e *sui generis* retrato da Mãe Pátria.

Não se pode negar: a mostra, soberba e impactante, é a "cara" do

Brasil. As múltiplas faces e a trajetória histórica da nação podem ser ali contempladas sob ângulos diversos, permitindo-nos conhecer e entender melhor a amalgamação da cultura brasileira.

A todos os módulos foi concedida igual importância e o trabalho dos curadores e cenógrafos se encarregou de fazer valioso e surpreendente cada espaço. Sem querer subestimar qualquer outro módulo, mesmo porque a bem da beleza e do valor histórico e sócio-antropológico, isto não pode e não deve ser feito, permito-me destacar o espaço barroco, onde tudo é encantamento e magia. Bia Lessa não podia ser melhor cenógrafa, nem Myriam Ribeiro, curadora mais atenta e criteriosa.

Tudo começa numa floresta, onde se contemplam robustas e exuberantes peças da imaginária portuguesa - inspiração primeira de nossas imagens barrocas. Caminha-se por entre árvores, seguindo trilhas orientadoras, em meio a um silêncio pacificador. Pode-se ouvir canto de passarinhos e de cigarras. E, às vezes, vozes dos guias. Placas indicativas sinalizam obras raras, de rara beleza. É o começo da fruição. A emoção vai crescendo. E as surpresas, também.

A seguir, belíssimos conjuntos de imagens de santos das congregações - jesuíta, franciscana, carmelita, beneditina - que, desde cedo, para aqui vieram, dedicando-se à cristianização dos nativos e daqueles pra cá trazidos. Imagens missioneiras, fruto da catequese jesuíta no sul do país, são igualmente mostradas. E tudo, agora, sob a emoção do canto gregoriano. O cenário ganha novo visual. Tapetes de flores de papel, roxas e amarelas (as cores litúrgicas da paixão e ressurreição, tão sublime e enfaticamente cantadas pelo barroco), feitas pelos presos do Carandiru, forram o piso, cobrem aclives e declives, desenhando curvas e nichos criando um ambiente de beleza monumental. Imagens ricas, belas, preciosas, da mais requintada fatura e oriundas de todas as regiões do país - Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste - fazem a glória deste setor da mostra. E não só imagens. Também outras peças - objetos sacros, devocionais, processionais - são mostrados. São nichos e nichos, cantos e recantos de surpresa e encantamento. A força da beleza é tal que não há lugar

para palavras. O silêncio se impõe. A fruição é total.

O melhor é que é uma exposição auto-guiada. Tudo é orientado por placas indicativas, esclarecedoras de autores, época e pormenores que facilitam o caminhar do visitante, bem como o exame e a comparação de peças de um mesmo autor, ou de autores de épocas, locais e caligrafia artística diferentes. O conjunto, associado ao conteúdo do livro Arte Barroca, ali vendido, constitui excelente curso sobre a imaginária barroca brasileira. E com a vantagem de ser ilustrado ao vivo.

No contexto, Minas se faz magnificamente presente com obras do Aleijadinho, do Vieira Servas, dos Mestres de Sabará, de Piranga, de Barão de Cocais, além da valiosa contribuição com outras peças de grande valor artístico e religioso como retábulos, presépios, oratórios, tocheiros, andores, estandartes e mais e mais. Há peças provenientes de Ouro Preto, Mariana, São João Del Rei, Sabará, Catas Altas, (Colégio Caraça), Belo Horizonte (destaque para o Museu Mineiro e coleções particulares) e não sei quantas outras cidades.

Mas não é só no barroco que a arte de Minas é reconhecida e valorizada. Também, na arte do século XIX, na arte moderna, contemporânea, afro-brasileira, popular, enfim, praticamente em todos os módulos, Minas se faz significativamente presente, inclusive na arqueologia, onde está "Luzia", o crânio encontrado em Lagoa Santa.

No seu todo, a Mostra é uma exposição que "cativa o olhar", alenta o coração e não fatiga os pés. É mais importante: contribui muito para recuperar a auto-estima do brasileiro, tão em baixa nesses tempos de tamanha desesperança nas estruturas governamentais e nas elites dirigentes do país. Todos os que idealizaram e, de uma forma ou de outra, contribuíram para que ela se tornasse realidade, estão de parabéns.

O professor José Carlos Reis (UFMG) diz que o Brasil é um enigma e poucos conseguiram tocar seus nervos e o coração. Eu penso que a Mostra do Redescobrimento realiza esta façanha: toca os nervos e o coração do Brasil.

***Profª. Aposentada da UEMG e da UFMG**

Comentário sobre
“A imagem religiosa no Brasil”
 de Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira
*Adalgisa Arantes Campos**

Foto: Gilca Flores



Escola Pernambucana: Pernambuco e Alagoas

o nosso propósito é considerar o texto de Myriam Ribeiro feito para o *Catálogo Arte Barroca – Mostra do Redes-cobrimento*, resultado de décadas de pesquisas e de vida acadêmica, doravante indispensável nas bibliografias especializadas. Em português e inglês, contém três partes. Inicialmente, a autora fornece com rara erudição a trajetória ocidental e oriental da imagem sagrada dos primórdios do Cristianismo até o século XVIII, enfatizando o XVI, quando a Igreja Católica respondeu à difusão do Protestantismo, religião iconoclasta por excelência. Baseando-se em Werner Weisbach, destaca os componentes naturalista e expressionista da imaginária da Época Barroca, mimética e emocional. A autora classifica as esculturas em razão da função: imagens de retábulos, imagens processionais, imagens de conjuntos cenográficos (vias-sacras e presépios) e de oratórios de culto doméstico. Cada modalidade em questão recorre à proporção, forma e materiais adequados ao uso que se presta. Quanto mais próxima do devoto (imagens processionais e de oratórios), a linguagem é mais naturalista e íntima, de um humanismo comovente. Myriam Ribeiro distingue na escultura religiosa não só as características nacionais (italiana, espanhola e portuguesa), bem como as concepções estilísticas Maneirista, Barroca e Rococó. Fiel ao seu trabalho junto aos cursos de Restauração e Patrimônio, a

profa. Myriam se ocupa detidamente dos materiais empregados, sobretudo na imaginária ibérica, particularmente voltada para a expressividade em razão da preferência pelo suporte madeira e da sensibilidade contra-reformista do período. Finalizando o Capítulo I, ressalta a atividade missionária de jesuítas e franciscanos que, precocemente, resultou na canonização de verdadeiros mártires e heróis da fé, no próprio seiscentos. Do XVI ao XVIII, a imaginária passou por intensas mudanças, inicialmente austera e dogmática, afeita às prescrições do Concílio Tridentino, depois mais aliviada, solta, sensual e, ao mesmo tempo, dramática e contundente. Sob a forma rococó, a leveza predomina, aliada à elegância e suavidade. A autora foi sensível à globalização em curso a partir das Grandes Navegações, universalidade tão bem traduzida através da representação temática dos Quatro Continentes, recorrente na arte do período.

No Capítulo II aparece a classificação alusiva à imaginária através das oficinas conventuais, daquelas ordens que se estabeleceram na América Portuguesa a partir do século XVI. Salienta-se que pouco restou deste século, boa parte executada em terracota. Há caracterização das obras feitas pelos beneditinos, franciscanos, carmelitas e jesuítas. Para o estudo dos monges beneditinos Myriam Ribeiro utilizou as pesquisas elaboradas por D.

Clemente da Silva Nigra, que aborda os principais artistas desta ordem no período em questão: os dois grandes ceramistas frei Agostinho da Piedade (+1661) e frei Agostinho de Jesus (ativo entre 1636/1642) e, finalmente, frei Domingos da Conceição (+1717), com a preferência pela madeira. A produção artística beneditina manifesta uma espiritualidade concentrada: “*Os corpos são robustos, as proporções atarracadas e o panejamento de pregas miúdas tratado com grande sensibilidade*”. A autora considera que as fundações beneditinas de São Paulo e do Parnaíba tiveram papel irradiador de imagens feitas em barro cozido, conhecidas como Imaginária Bandeirante. Ao analisar a produção escultórica dos franciscanos, observa o quanto esses religiosos foram presentes no cotidiano das populações coloniais, sentados à mesa, benzendo lares urbanos e na área rural, alfabetizando e ministrando os sacramentos. Eles circularam culturalmente mais que os beneditinos e, não bastasse, tinham expressivo número de santos canonizados que suscitavam verdadeira devoção popular como São Francisco, Antônio, Benedito, Gonçalo Garcia, Antônio de Catagerona. A partir do convento de Olinda (1585), os franciscanos não se contentaram com a faixa litorânea, seguindo o percurso da colonização, embrenhando-se interior adentro. A vasta jurisdição dos franciscanos no Brasil compreendia duas províncias pertinentes ao Norte/Nordeste e Sudeste, com o total de 21 conventos franciscanos. A autora contempla brevemente os carmelitas, cuja devoção ao “escapulário ou bentinho” foi bastante popular pois conforme tradição a Virgem tiraria os seus devotos do Purgatório, no sábado seguinte à morte. Esta ordem também venerava santos negros, como Efigênia e Elesbão. Os carmelitas tiveram desempenho semelhante ao dos franciscanos, contudo aqueles religiosos relacionavam-se mais com as populações urbanas. Finalmente, a surpresa, o contributo dos jesuítas, verdadeiros intermediários culturais com atuação geográfica mais abrangente, de Norte ao Sul. Eles tinham projeto pedagógico de evangelização e de ampliação do orbe católico, efetivado através dos colégios anexos aos templos para atender os colonos e as missões

Foto: Gilca Flores



Escola Baiana: Bahia e Sergipe

voltadas para os indígenas. Foram os únicos a empreender estudos sobre as línguas nativas. A profa. Myriam destaca o caráter triunfante, apologético e retórico das obras produzidas por jesuítas e índios em aldeamento, sensivelmente de ideal reformista. Os inacianos conservavam, costume comum à época, um intercâmbio efetivo com o mercado de imagens lisboetas. Portanto, ao lado das oficinas locais, há que se considerar o fluxo incessante com Portugal. Releva-se a Escultura Missioneira, feita nos 30 povoados do Sul do Brasil, inventariada até o momento em cerca de 450 obras. A autora distingue o que é europeu do que é nativo, apontando especificidades: *“Do ponto de vista da análise do estilo, há diferenças nítidas entre as imagens do século XVII, ainda próximas do classicismo renascentista e inspiradas em protótipos espanhóis, e as do século XVIII barroco, que incorporam modelos de fontes italianas e germânicas e assinalam a emergência de valores plásticos e simbólicos da própria cultura guarani”* (p. 56). Em face disso, observase indícios de culturas híbridas, mestiças, altamente originais.

No Capítulo III a autora cuida das tendências regionais, manifestadas no setecentos através dos artistas leigos que atendiam as demandas das irmandades, ordens terceiras e do culto doméstico. Deixamos portanto a esfera das oficinas conventuais. Os centros relevantes na produção da imaginária foram Maranhão, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Segundo a autora, a Bahia teve uma produção e comércio em série de imagens que atendia diversas partes da Colônia.

Sendo assim, a padronização é uma característica da imaginária baiana. Nesse período destaca-se a atuação de artistas mulatos como Valentim de Fonseca e Silva (+1813), Félix Pereira

Guimarães (+1809), Manuel Inácio da Costa (+1857) e Antônio Francisco Lisboa (+1814) e inúmeros anônimos, ao lado da presença simultânea de importantes escultores portugueses como Francisco Xavier de Brito e Francisco Vieira Servas. A profa. Myriam reitera a falta de estudos monográficos sobre a maioria dos escultores e santeiros, principalmente para as escolas pernambucanas e maranhense, e o desconhecimento dos nomes dos mestres de Sabará, de Barão de Cocais e mestre Piranga. Concluindo, com as próprias palavras da curadora:

“ Se fosse possível sintetizar em uma frase de efeito a impressão estética dominante produzida pelas imagens das escolas regionais setecentistas espalhadas por este imenso país, diríamos que as imagens baianas agradam de imediato, as mineiras surpreendem e fascinam, as pernambucanas deleitam pelo apuro técnico, as do Rio de Janeiro impressionam, mas mantêm o espectador à distância (como as portuguesas, com as quais têm uma identificação mais próxima) e as maranhenses comovem pela simplicidade expressiva” (p. 75).

***Professora do Departamento de História da UFMG**

BOLETIM

Projeto gráfico, arte e editoração:
Beatriz Coelho e Helena David
Tiragem: 300 exemplares
Periodicidade: trimestral

Os artigos assinados são de responsabilidade do autor e não refletem necessariamente a opinião do BOLETIM.

É permitida a reprodução de fotos ou artigos desde que citada a fonte.

ELEIÇÕES NO CEIB

EDITAL

Conforme anunciamos no último número do BOLETIM, no dia 29 de outubro próximo termina o mandato da atual diretoria.

Lamentamos que nenhuma chapa tenha sido apresentada. Desse modo, a atual Diretoria está submetendo seus nomes aos votos dos associados. Convocamos, portanto, todos os sócios, para a Assembléia Geral Extraordinária de eleição que será realizada no dia 27 de outubro, sexta-feira, às 16h na sala de aulas teóricas do CECOR, Av. Antônio Carlos, 6627. Não havendo quorum será feita imediatamente nova convocação e a reunião realizar-se-á com qualquer número de participantes. Poderão votar todos os associados em dia com a anuidade de 2000 do CEIB. Quem não puder comparecer, poderá enviar seu voto pelo correio ou através de um colega que pretenda comparecer. Cada membro só poderá portar uma procuração. Estamos enviando, juntamente com este número do BOLETIM, um envelope contendo a cédula de votação, que deverá ser lacrado e enviado em outro envelope.

A chapa única está assim composta:

Beatriz Coelho - Presidente
Myriam R. de Oliveira - Vice-presidente
Helena David - 1ª Secretária
Carolina Proença Nardi - 2ª Secretária
Claudina Dutra Moresi - 1ª Tesoureira
Maria Regina E. Quites - 2ª Tesoureira

São objetivos do grupo que compõe a chapa única: continuar com a publicação do BOLETIM, tentar publicar os anais do I Congresso, e realizar, no primeiro semestre de 2001, o II Congresso do CEIB.

CEIB

Presidente:
Beatriz Coelho
Vice-presidente:
Myriam Ribeiro de Oliveira
1ª Secretária:
Helena David Castello Branco
2ª Secretária:
Carolina Maria Proença Nardi
1ª Tesoureira:
Claudina Maria Dutra Moresi
2ª Tesoureira: Maria Regina E. Quites
Bolsista: Simone S. Palmeira - FUMP

ENDEREÇO

CEIB/EBA/UFMG
Av. Antônio Carlos, 6.627
30.270-010 Belo Horizonte, MG
Telefone: (031) 3499-5290

e-mail: ceib@eba.ufmg.br